

Latinidade e germanismo

*Não ha duvida que a Natureza dispôs
no mundo um logar proprio para exercer
um imperio universal; e este logar é Roma.*

DANTE.

V

O espirito protestante

Ha uma contradição organica que mata o protestantismo: é querer formar uma sociedade religiosa, baseando-se no livre-exame individual. Sociedade e individualismo, são termos antinómicos: tanto que o individualismo impéra, a sociedade enfraquece-se e desmembra-se; tanto que impéra o espirito social, o espirito de desagregação individualista desaparece. Claro, refiro-me ao *espirito individualista*. não ao sentimento da *personalidade humana*; conforme ficou esboçado no primeiro destes estudos, o *individuo* é uma coisa e a *pessoa* é outra: segundo a definição de S. Tomaz, grande Doutor da Igreja, o nome de pessoa é reservado ás substancias capazes por si proprias de determinarem os meios para a consecução dos fins que voluntariamente escolheram: a pessoa é um todo completo, capaz de introduzir no universo, pela sua vontade propria, alguma coisa de novo; é a mais nobre das substancias, porque participa, pela espiritualidade e pela imortalidade da alma, da natureza divina: *Persona significat id quod est perfectissimum in tota natura*. O nome de individuo, pelo contrario, é comum ao homem e ao animal; producto de *quantidade*, conformemente ás exigencias da materia, logo, principio de *individualisação* e de *divisão*, eminentemente anti-social. Nenhuma doutrina exalta tanto o individuo como a Democracia; e, no entanto, a Democracia é tambem a doutrina que mais degrada a pessoa hu-

mana : ás diferenças naturais de capacidade que distingue as pessoas umas das outras, á diversidade das suas aspirações, das suas necessidades intellectuais, ás profundas diferenças de *qualidade*, — a doutrina democratica opõe uma lei absoluta e absurda de igualdade, um principio supremo de *quantidade*, subordinando os interesses morais e intellectuais da pessoa humana ao pluralismo atomico dos votos individuais.

O protestantismo, sendo, por definição, individualista, nunca poderá crear uma sociedade religiosa. Não ha religião sem um fundo filosofico comum a todos os seus fieis. Tampouco pode existir igreja sem dogmatica. O proprio Luthero, reagindo contra o dogma catolico em nome do *Livre-Exame*, deixou ficar de pé alguns dogmas biblicos e creou outros novos. Mais tarde, creou-se o protestantismo «ortodoxo». Mas, sendo uma profunda contradição consigo proprio, o protestantismo ortodoxo não pode viver : não ha ortodoxia sem dogmas, sem um fundo de doutrina comum e imutavel. O protestantismo, assim, tem necessariamente de reverter á sua origem. A razão e a logica, continuando a ser, como eram para Luthero, coisas despreziveis, os protestantes continuarão a olhar como verdade religiosa apenas o que a sua fé lhes impuzer. A Igreja ensina que a submissão reverente e *voluntaria* da *inteligencia* e da vontade do homem á *inteligencia* e á vontade de Deus é condição subjectiva da fé. Para ter fé, pois, o catolico faz uso da razão. Para o protestante, pelo contrario, a fé é toda de natureza subjectiva, *emocional*; *sente-se*, não se *pensa*. Se a religião é essencialmente um estado d'alma, uma experiencia intima, não pode haver categorias de «verdadeiro» nem de «falso» em materia religiosa : uma emoção não é uma verdade nem uma mentira : *sente-se* ou não : eis tudo. E com a agravante, ainda, de cada um sentir de sua fórmula ! Donde resulta, para o protestantismo, este dilema : — ou cria uma dogmatica, para poder constituir uma sociedade religiosa — e nega radicalmente o principio lutherlano do *livre-exame* ; ou não cria uma dogmatica, estribando toda a verdade religiosa numa pura sensação individual — e nesse caso, sendo tão diversas as sensações e as emoções quantos são

os individuos, nunca se poderá constituir uma sociedade religiosa protestante...

Outra contradição : — em principio, o protestante não deve ter outro guia que não seja a Biblia e o Espirito-Santo. Para isso, ha de interpretar os textos sagrados. Como ? Com o sentimento ? Não. O protestante, para interpretar a Biblia, serve-se da intelligencia, da razão, applicando o principio do «livre-exame». A razão, aqui, fica-lhe reduzida ao seu aspecto méramente formal, visto toda a sua actividade ser exercida no dominio da filologia, — mas, emfim, sempre é a razão humana a trabalhar. — A trabalhar, na verdade, mas para quê ? — Este trabalho puramente objectivo da intelligencia não vai de modo algum fortalecer o valor subjectivo da religião. Quanto mais o protestante analisa e dissecar a Biblia, para acrescentar o valor subjectivo da sua fé, iluminado pelo Espirito Santo, tanto mais, de facto, despe a religião do seu character divino, tirando-lhe o character de revelação, e diminui as suas razões subjectivas de crêr ! De Lessing até Strauss e Harnack, o exâme critico da Biblia tem chegado a conclusões, aliás logicas, que o proprio Luthe-tero não previu. Os teologos protestantes esforçam-se por tirar á Biblia tudo quanto lhes pareça irracional ; os milagres são explicados como illusões ou fraudes piedosas, o character divino de Christo é atenuado, olhando-se a sua figura mais como um homem superior do que como um Deus ; procuram tirar ao Christianismo todo o seu aspecto de religião histórica, absoluta, eterna, mostrando nos selados evangelicos a expressão mistica de experiencias religiosas da comunidade primitiva, forma admiravel da consciencia religiosa da humanidade, forma superior, mas nem unica, nem eterna... Logicamente, pois, desde que a Reforma atribui á razão humana o direito de submeter ao seu exame os textos sagrados, torna-se impossivel determinar um limite ás suas investigações, fixando o momento em que a exegese deixa de ser protestante...

Para o proprio protestantismo, de facto, o «livre-exame». a analyse excessiva, foram fermentos de dissociação. Diz justamente um autor francês : «uma moral e uma religião que não são rituais e tradicionais, não podem enrai-

zar-se no coração dos homens». Sem disciplina não ha moral nem ensino. Todo o ensinamento é uma manifestação de autoridade! A tradição sobre que se baseia o ensino é o aproveitamento das experiencias feitas anteriormente das lições adquiridas. A não fazermos fé no que os nossos antepassados nos ensinam, a termos da verificar tudo quanto eles deixaram feito, não poderíamos ter progresso: estaríamos sempre a recommençar, marcaríamos eternamente passo no mesmo sitio. Seria uma perda constante de energias.

Eis varias das rasões porque o espirito protestante foi o gérador da anarquia contemporanea. A obra de Lutero, na verdade, foi grande: mas grande para o mal, apenas. A Reforma dissociou primeiro a Alemanha, depois a Europa inteira, com as lutas religiosas; mais tarde, os seus principios influiram nos principios politicos, e ás guerras religiosas doutro tempo substituiram-se as guerras politicas d'hoje em dia. Já não são trinta anos de guerras: são quatro seculos de anarquia.

Os principios da Revolução, fundamentalmente, são protestantes, como os principios da contra-revolução, fundamentalmente, são catholicos. Segundo um professor da Faculdade de Toulouse, Doumergue, «os principios de 1789 são tres — 1.^o ha direitos do homem; 2.^o, estes direitos devem ser declarados; e 3.^o, se os direitos declarados são violados, ha um direito á resistencia.» Esses principios são, manifestamente, de origem calvinista. Tres correntes partem de Calvino para convergirem nos acontecimentos de 89: 1.^a, a corrente calvino-francesa, com Theodoro de Bèze, Hatmann, Duplessis-Mornay, Gurieu; 2.^a, a corrente calvino-ingleza, com Knox, Goodman, os puritanos, Hocke, continuados por Mondesquieu e Voltaire; e 3.^a, a corrente calvino-americana, os *Bill of Rights* (La Fayette.)» Ora, foram precisamente estes principios quem desorganizou a economia interna da Europa. Quando se fala no progresso das nações protestantes, em opposição á decadencia das nações catholicas, esquece-se, lamentavelmente, que tanto a falta não pertence ao catholicismo, que aos periodos de maior brilho da historia de Portugal, da Espanha, e tambem da propria França, correspondeu sem-

pre uma maior efervescencia de fé catolica. Quando Portugal descobriu o mundo, por assim dizer, inteiro; quando Portugal e a Espanha descobriram e colonisaram a imensidade da America do centro e do sul; quando a França creou o seu imperio colonial — Portugal, Espanha e a França abraçavam-se numa fé catolica que hoje não conhecem. A Inglaterra já existia antes da Reforma. E a expansão universal da Alemanha, o seu predominio no mundo, a sua força, não foram obra dos principios anarquicos do protestantismo: foram-n'o da unidade politica alemã, realizada por Bismarck.

Os paises catolicos mais decadentes, na verdade, não são os mais catolicos, mas sim os mais revolucionarios. A grandeza dos povos derivava de dois factores importantes, hoje desaparecidos: a autoridade politica e a autoridade religiosa. Essa dupla autoridade, desfizeram-n'a os principios protestantes em 1789. D'aí para cá, entrámos numa curva descencional. Mas, se na America, por exemplo, o progresso e a força, e mesmo a grandeza (grandeza *quantitativa* e não *qualitativa*) são coisas evidentes, não é por virtude dos principios religiosos do protestantismo. E' certo que o protestantismo dá um certo espirito utilitario: — «esse pensamento d'uma liberdade que não sai da esfera propriamente moral, diz Oliveira Martins, contem apenas, como expressão social pratica, a ideia de utilidade: foi o que os doutores vieram dizer-nos no seculo XVIII e o que os povos já praticavam antes, quando no meio dos delirios da exaltação religiosa o alemão se não esquecia de saquear as igrejas, e quando as comunas holandezas e inglezas não cessavam de armar piratas para saquear os nossos estabelecimentos ultramarinos.» (1) Mas é preciso tambem não esquecer, ao lado do utilirismo protestante, o factor etnico. Paizes saidos recentemente do colonato, de largas riquezas naturais abertas á actividade humana, os que as exploram não são apenas protestantes: emigram para a America, emigram para to-

(1) *Camões, os Lusíadas e a Renascença em Portugal*, pagh. 264.

da a parte onde se trabalha áctivamente, aquelles elementos sãos e fortes, de todas as religiões, que nos seus paizes, por causas varias, não tem onde empregar compensadoramente a sua energia. Depois, sendo povos de civilização recente, pouco intellectuais, nem a luta das ideias lhes interessa, nem, muito menos ainda, o criticismo protestante os preocupa.

O protestantismo não pode, portanto, ser justamente considerado como um dos elementos de progresso entre as nações novas. Esses povos que as constituem são barbaros superiores, com uma força fisica e uma virilidade de raça inerentes á sua barbarie, com instinctos de conservação e necessidades de conquista que nenhum principio d'ordem intelectual ou moral tempéra. Entre eles, como entre os barbaros, as forças cegas da natureza e do instincto não são subjugadas e ordenadas por qualquer educação tradicional dos costumes: assim a Reforma, arrancando os povos á benefica acção de Roma, protegeu a sua energia brutal de primitivos. Acontece, porém, que o protestantismo, onde não encontra uma religião organicamente superior que se lhe imponha, evolue immediatamente num sentido de disciplina, perde o seu character anarquico, e restaura certas praticas beneficas para a Igreja catolica. Quer dizer: o protestantismo desses povos novos perde todo o seu character de religião individualista, sem criticismos estereis nem querelas religiosas, porque as necessidades do trabalho não dão margem nem tempo a essas preocupações da intelligencia.

Não encontrando diante de si tradições morais, nem intellectuais, nem uma sociedade verdadeiramente civilisada, o espirito protestante, para não cair na barbarie completa, impossibilitando de trabalhar os seus adeptos que vão procurar fortuna, torna-se *associativo*, evolucionando num sentido organico e preparando a pouco e pouco o terreno para o florescimento do Catholicismo. Nos povos antigos da Europa, pelo contrario, encontrando diante de si uma sociedade civilisada, com as suas respectivas tradições morais e intellectuais, encontrando a ordem catolica, o protestantismo entra imediatamente no seu exercicio natural de dissolvencia, corrompendo a sociedade em be-

neficio do seu utilitarismo cosmopolita, fomentando a anarquia individualista que desfaz as nações e as entrega ao dominio do estrangeiro.

Augusto da Costa.

A *REVISTA PORTUGUESA* PUBLICARÁ, NO PROXIMO NUMERO, O ARTIGO — «A IGREJA E A LIBERDADE», DE LUÍS VIEIRA DE CAMPOS.

A *REVISTA PORTUGUESA* PUBLICARÁ AINDA UMA INTERESSANTE ENTREVISTA COM O ILUSTRE MAESTRO FRANCISCO DE LACERDA SOBRE O ENSINO MUSICAL NO NOSSO PAIZ.

A *REVISTA PORTUGUESA* PUBLICARÁ, TAMBEM, NO MESMO NUMERO, UM DESENHO DE BERNARDO MARQUES, E NO SEU NUMERO 21 UM DESENHO DE JORGE BARRADAS.